

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ



DEP. LEG.

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

Domingo, 19 de Setembro de 1925

O problema da unidade sindical

Liquidado o incidente lamentável que, sem proveito para a Organização Operária, se arrastava nas sessões do antigo Conselho Confederal, o ambiente começou a tornar-se mais respirável no seio da G. G. T.

A actual comissão administrativa, norteada pelos seus principios revolucionários, empenhou-se em trazer novamente para actividade sindical os elementos de trabalho e os sindicatos; que, por divergência de ideias, por questões de detalhe se haviam afastado da central dos sindicatos.

A C. G. T. é basicamente um organismo de classe e por isso mesmo será tanto mais forte quanto maior for o número dos seus adherentes. Estes, emprestando força à Confederação fortalecem-se por sua vez, por quanto na união solidária de todos os organismos reside a sua grande força.

Alguns dos sindicatos que se afastavam por uma questão de divergência de táticas têm o seu lugar vago e marcado no Conselho Confederal. Purificado o ambiente no futuro conselho, norteado a acção por um princípio de mútua tolerância, estreitas discussões antigas esquecidas, olhos postos no futuro, porque não regressam esses organismos ao seu posto?

Discussões de tática sempre existiram no seio da organização. Elas nunca foram motivo de divisionismo nem de malquerências. Está bem que lute cada um por fazer triunfar o seu ponto de vista. Essa luta é natural, é humana. Mas os factos têm demonstrado que sempre que se leva essa discussão até a máxima irreducibilidade é a organização quem sofre, é o proletariado quem suporta os prejuízos. O divisionismo, temo-lo verificado no decorrer do tempo, não cria vencedores, cria vencidos — que são ambos os contendores.

Neste momento em que uma rajada de bom senso parece soprá sobre os organismos do proletariado, será possível alcançar-se a unidade sindical que traz ao operariado a fôrça e o prestígio que merece?

És um assunto que merece ser ponderado, estudado desapaixonadamente. A Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa já começou a ocupar-se dele e temos a impressão de que alcançará o seu desideratum. A unidade sindical preocupa o espírito dos seus delegados. Todos a desejam, não só os que estão na organização central como os que se conservam afastados. E se é lógico que se trabalhe no sentido de unificar os sindicatos de Lisboa porque não encetar idênticos trabalhos no sentido de unificar todo o proletariado do país?

Parce-nos que, sem quebra dos princípios de cada um, a unidade sindical será possível desde que todos andem de boa fé e animados de um benéfico espírito de tolerância.

Iniciemos uma nova era de actividade, lutemos pela dignificação e pelos interesses da classe operária que devem estar acima de todas as seitas e de todos os grupos.

O que se vai ler no número do Suplemento de "A Batalha" que amanhã se publica

Os assuntos da actualidade ocupam a maioria das páginas do número de amanhã do Suplemento de "A Batalha".

A ira e a mulher empalideceram a estrela fascista e esse facto tornou-se o tema de uma dissertação de Cristiano Lima.

A decadência vergonhosa do teatro contemporâneo é estigmatizada com um profundo conhecimento da questão.

Os devotos de Santo Humberto e o nerovismo e um «desporto» são justamente apreciados por Alfredo Marques.

A guerra santa dos chineses ao imperialismo estrangeiro é o assunto que enche a imprensa internacional da presente semana.

A perdição das raparigas pelo ambiente social é demonstrada com grande verdade pelo professor Ladislau Batalha.

A falta de uma educação sádica é considerada por Nogueira de Brito o factor da criminalidade.

A literatura tem igualmente o seu lugar nas colunas do nosso Suplemento.

Mário Domingos continua a sua novela curta História de um homem que viveu no seculo XXI e Jesus Peixoto fala-nos de ideias gerais do teatro.

A figura de Neno Vasco, o inovável e malogrado militante anarquista é lembrada com larguesa e documentação.

As habituals secções e várias gravuras completam o interesse do número de amanhã do suplemento de "A Batalha".

A CARESTIA DA VIDA

O proletariado da província, que luta com a miséria, tem de iniciar a sua energética defesa

Nas terras onde os produtos se criam, chegam êstes a atingir preços fabulosos que nada justifica

Todos os dias os nossos correspondentes da província nos relatam quão difícil se está tornando a existência para o povo trabalhador. O custo da vida está insuportável. Em lugares onde o produto se cria o produto encarece a olhos vistos. As autoridades têm sido impotentes ou relapsas perante os abusos condonáveis do comércio explorador. E o povo cala-se, suporta tudo com uma vexatória, humilhante resignação crística.

Uma surda irritação contra este estado de coisas lava já em alguns pontos do país. O povo trabalhador começa a sentir que os acambardadores sem escrúpulos o estão achando mole e vão carregando. O operariado frange o sobreolho. No Pórtico já iniciou os seus justos protestos e em breve o seu movimento alastrará por todo o país porque todo o país está a saque.

Urge que os organismos operários da província se ocupem a valer deste problema, quanto antes, canalizando a indignação do povo para um protesto tão humano quanto justo, contra a exploração de que estamos sendo vítimas.

Aos sindicatos compete estudar este assunto melindroso que tanto interresse está merecendo ao proletariado. Convém que ponderem a maneira mais prática de dar combate eficaz ao mal que a todos atinge.

E preciso mostrar aos exploradores que o povo consumidor não está disposto, do norte ao sul do país, a deixar-se roubar sem defender-se energeticamente.

A crise de trabalho, assumo que tanta ponta de contacto tem com a carestia da vida deve ser também ventilado nas reuniões do proletariado para que os organismos centrais possam, num trabalho seu, sintetizar as aspirações do operariado em relação aos dois importantes problemas.

A situação é tão afflita que não se compadece de demoras. Quanto mais tarde o operariado iniciar o seu movimento de resistência contra a carestia, mais os acambardadores sem escrúpulos a agravarão.

Realiza-se hoje, pelas 16 horas, uma sessão de homenagem póstuma promovida pela comissão administrativa do Sindicato Único Metalúrgico ao taileido militante metalúrgico, que à organização operária e ao proletariado prestou relevantes serviços. Durante a sessão será inaugurado na sala do sindicato o retrato do homenageado. A comissão administrativa do referido sindicato convida todos os sindicatos a fazerem representar, assim como convida o proletariado a assistir e em especial os operários metalúrgicos.

Nunca será demais encarecer as belas qualidades morais de propagandista daquele falecido camarada.

Recordamos as palavras, transcrevendo-as, que "A Batalha" sentidamente publicou por ocasião da sua morte, em 12 de Março do corrente ano:

"As suas vastas qualidades de trabalho perpassam através das páginas da história dos últimos anos do movimento operário português. Muito honesto, dumha honestidade por vezes ingénua, a sua voz erguia sempre que era preciso estigmatizar uma injustiça, o seu conselheiro amigo era sempre emitido quando mister se tornava amparar alguém que o desalentava tocar-se.

Ele, que na sua modéstia nunca invocou os seus muitos serviços prestados à causa, talvez, se pudesse, nos manifestasse o seu desagrado por aqui os relembrarmos. Fazemo-lo, porém, especialmente, como um incentivo aos novos.

Francisco Viana de muito novo manifestou sua inclinação para a defesa dos ideais libertários.

Em 1906, o rigor da lei de 13 de Fevereiro, a crise de trabalho e o seu grande desejo de conhecer o estrangeiro, levaram-o a emigrar para a América do Norte, onde fez parte de algumas associações operárias.

A volta a Lisboa, em 1913, militou na antiga Associação dos Forjadores, até que, dissolvida esta ingressou na dos Serralheiros, sempre com o maior ardor e crescente entusiasmo, tornando em nome desta assento no 1º Congresso que deu existência à primeira Federação Metalúrgica. Nesse mesmo ano, quando o cortejo camoneano e, após o rebentar dum petardo sobre o cortejo, o que deu azo a algumas cargas da força pública sobre os circunstantes, Francisco Viana foi vítima dum violenta agressão.

As habituals secções e várias gravuras completam o interesse do número de amanhã do suplemento de "A Batalha".

As habituals secções e várias gravuras completam o interesse do número de amanhã do suplemento de "A Batalha".

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O CASO DOS ESTUPEFICANTES

Enquanto o dr. Drumond Borges gosava duma protecção vergonhosa, a polícia metia na cadeia os empregados de farmácia que aviavam as receitas daquele clínico

Um delinquente que prefere passar por santo — Como se pulverizam as mentiras do doutor — Um erro imperdoável dum juiz — A nova clientela de um médico ou a arrogância de um desequilibrado

A farmácia do sr. Custódio Pinheiro foi o ponto onde ontem detivemos a nossa narrativa sobre o caso daquela senhora morfinomaníaca, que reside no bairro de Campo de Ourique. Tinhamos fazido o leitor por essa vereda sombria que leva à convivência do dr. Drumond Borges transparecendo-nos mais pequenos detalhes.

E por essa vereda o leitor foi verificando que, há muito tempo, aquele clínico sabia que sua esposa estava atacada da perigosa enfermidade que é o vício da morfina. Todavia aquele médico não tomava as medidas que o caso requeria: ou internar a esposa num estabelecimento de saúde ou dar as necessárias ordens para que não lhe fosse fornecido o terrível alcaloide.

O dr. Drumond Borges não tomou essas medidas comissemosas. Entendeu, quando o caso entrava nos domínios do escândalo, apresentar queixa ao seu amigo particular dr. Teixeira Direito, director interino da Polícia de Investigação Criminal, o que levou este juiz a ordenar a prisão de dois empregados da farmácia do sr. José Bento de Almeida e mais tarde do farmacêutico sr. Custódio Pinheiro, nas condições que ontem relatámos.

A desorientação do dr. Drumond Borges

Depois destas prisões e em virtude da imprensa levantar uma ponta do véu, o dr. Drumond Borges veiu a alguns jornais e disse que ignorava que sua esposa se injectava de morfina e que não era verdade o farmacêutico Frazão, da rua Maria Pia, o ter informado do vício de sua mulher.

Mas o dr. Drumond Borges nem unidade de mentira. Nesses jornais disse que ignorava o vício de sua esposa, enquanto outros afirmava que «quando, há cerca de dois anos, teve conhecimento das falsificações cometidas por sua esposa tomou as providências convenientes para lhes pôr cōbro», tendo percorrido as farmácias da área do Rato especialmente aquelas onde a sua assinatura não era bastante conhecida, para pedir que não aviassem receitas em seu nome.

Então, o dr. Drumond Borges conhecia que sua esposa era morfinomaníaca? Se conhecia porque não tomou as providências necessárias para evitar que sua mulher se utilizasse das receitas do seu consultório?

Admitimos, porém, que era assim. Como explica então o dr. Drumond Borges a existência daquela receita assinada por seu pai? Castro Fonseca?

O dr. Drumond nem explica este facto nem prova que tivesse avisado os farmacêuticos da área do Rato para não avarem as receitas assinadas por seu nome. E não somos nós que o dizemos, são os farmacêuticos com quem falámos, entre eles o sr. José Bento de Almeida, cujo pessoal foi preso, que o afirmam. Ouçamos, por exemplo, o que nos disse este senhor:

Nenhum farmacêutico foi avisado para não aviar as receitas falsificadas

Depois destas prisões e da dos empregados de farmácia do sr. José Bento de Almeida e aprovada uma receita assinada por um médico. Era falsa essa assinatura! Então a esses empregados é-lhes agora exigido o curso de notário? Um ajudante de farmácia tem que conhecer a autenticidade de uma assinatura?

Parece-nos que não. A não ser que tudo tenha mudado sem a gente ter dado por isso...

Depois, temos aquele caso do farmacêutico sr. Custódio Pinheiro. Este homem foi preso por ser cavalheiro. Quando soube da injusta prisão dos empregados de farmácia foi dizer ao sr. dr. Teixeira Direito que o dr. Drumond Borges sabia que sua esposa se injectava com «pantopon». E como provou o dr. Custódio Pinheiro a sua afirmação? Mostrando ao director interino da Polícia de Investigação Criminal o recibo de empolias pago pelo dr. Drumond Borges!

Já ontem dissemos que o meritíssimo juiz, ao invés do que se esperava, ordenou a prisão do farmacêutico!

Porque aumentou a clientela?

Dessa prisão e da dos empregados de farmácia o sr. José Bento de Almeida resultou a pronúncia pelo crime de venda clandestina de empolias «pantopon», pelo que foi arbitrada aos arguidos a fiança de cinco contos.

Enquanto isto se passava, o dr. Drumond Borges visitava as redações dos jornais, a pesar de estar provadíssimo que ele, contra o previsto, receitava para sua esposa perigosos alcaloides.

E depois ainda aquele clínico não quer que nos digamos que ele é um perigo social! Não quer que digamos essa heresia e para a desfazer vem dizer-nos que a sua clientela aumenta dia a dia.

O que o doutor não nos explicou é de que enfermidade sofrem esses novos clientes...

Mas isto não vai a matar. Ainda há muito para dizer!

Notas várias de actualidade internacional

A política espanhola

Uma nota do governo a-propósito de Tanger

LONDRES, 18. — Foi apresentada simultaneamente em Londres e Paris uma nota do governo espanhol relativa a Tanger. Nesse documento propõe-se uma reunião de representantes dos governos ingles, francês e espanhol para ser discutida a admissão da Itália num acordo sobre o assunto. A nota, porém, não alude à inclusão de Tanger na zona espanhola, mas deixa antever a hipótese de a Espanha apresentar os seus pontos de vista no caso de rebelião em Tanger. Nos meios políticos ingleses não se considera por enquanto oportuna tal reunião, antes se julga que ela não tem razão de ser enquanto a França e a Espanha não houverem liquidado de vez a questão com os mouros. — (L.)

Um acordo com a Itália

LONDRES, 18. — O Daily Chronicle anuncia que existe um acordo italiano-espanhol sobre a questão de Tanger e a zona internacional. — (H.)

A complicação chinesa

HONG-KONG, 18. — Em consequência das garantias dadas pelo governo de Cantão de proteger as cargas e os passageiros, assegurando a polícia do rio, os ingleses reiteraram as canhoneiras e o tráfego recomendado no rio. — (H.)

Saudando uma educadora

A comissão administrativa da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais de Giesta aprovou na sua última reunião um voto de saudação à distinta professora D. Vitória Pais, pela maneira brilhante e desassombrosada como, no último Congresso Pedagógico, atacou o ensino religioso nas escolas.

O que nós comemos

O operário António Egídio da Silva veio ontem mostrar-nos um bocado de pão comprado na padaria da rua do Sol a Santa Catarina, pertencente à Companhia Nacional de Alimentação, que continha algumas matérias nocivas à saúde e um pedaço de pão.

Comentários, para quê?

IMPRENSA

Boletim da Agência Geral das Colónias

Recebemos o n.º 15 desta publicação, tratando muito desenvolvidamente de assuntos coloniais.

CARTA DE COIMBRA

Apatifaria dum industrial de padaria—Com vista às autoridades sanitárias

COIMBRA, 17.—Já tivemos ocasião de destas colunas nos referirmos a um senhor José Luís do Amaral, industrial de padaria em São João do Campo.

Ocupavam-nos deste cavalheiro, pelo facto de ele ter despedido do seu serviço o operário padeiro João Leiria, sem lhe pagar 3750\$ que legitimamente pertencem àquele operário. Esta extorsão tornava-se ainda mais revoltante por ter sido feita na altura em que esse operário se encontrava de cama, com uma perna fracturada, doença motivada por João Leiria pretender defender o patrão dum agravio numa desordem, manifestando este a sua gratidão despedindo o seu defensor do serviço e expeliendo-o ainda naquela acima mencionada.

Pois este sr. Amaral parece que é usiário e vezeiro nestes actos, pois somos informados de que no pequeno espaço dum mês já praticou idêntica ação com mais dois operários, despedindo-os do serviço e recusando-lhes a pagar-lhes o último dia em que trabalharam, ou seja 15\$50 e um quilograma de pão a cada um.

Os operários, vittimas da ganância deste exemplar patife, são Manuel Ferreira de Carvalho e Salvador António.

E lembramo-nos que para certos exemplares na patifaria não aparece um filho de uma velha.

Não é, porém, só por estes factos que este sr. Amaral é cígno de elogios.

Há outro caso mais importante ainda a tratar e que interessa todo o povo daquela localidade.

Segundo nos informam, o estabelecimento daquele indivíduo é uma verdadeira esplanada, absolutamente imprópria para se manipular pão para o consumo do público.

Não posse aquela casa as mais rudimentares condições de higiene, pelo que se torna ali verdadeiramente perigoso o fabrico do alimento principal do povo.

A casa não é saudável. O chão é de areia. O teto é de telha vã, não possuindo o mais pequeno fôrro, não sendo raro dar-se o facto de quando os operários procedem a amassagem da farinha, caírem dentro das amassadeiras califa e, muitas das vezes, insetos repelentes. Não se fala ainda de muitas outras imundícies que abundam naquela casa, que, pelos vistos, nem para cavalariça devia servir.

E este um caso para ponderar a quem competir interferir nestes assuntos, pois não é, nem pode ser admissível que uma população inteira esteja sujeita às ignóbeis porcarias dum industrial sem escrúpulos.

Um explorador de menores

Mais um cidadão para amarrar ao posto de execução pública. E' nm nunca acabar. Nesta corrompida sociedade aparecem-nos todos os dias anomalias a escandalizar.

Trata-se agora dum explorador do trabalho de aprendizagem Construção Civil. Este matulão, que outro epíteto não merece, não se envergonha do explorar crianças que a miséria dos pais arrimava cedendo para o inferno dos andainas, quando a idade delas muitas vezes lhe permitia que ainda andasse na escola a aprender a ler.

Trata-se dum senhor Joaquim Margalo, da Póvoa de São Martinho. Este cidadão exerce por vezes o mister de tarefeiro, ou seja trazer pessoal por tarefas. Como tinha dois aprendizes empregou-lhos a um colega, com a condição de este pagar aos rapazes 10\$50 por dia a cada um. Verificou o patrão que os rapazes estavam ainda atraçados para perceberem aquela quantia e manifestou a sua estranharia aos rapazotes, tendo alegado estes que o ordenado não era só para eles, pois que tinham que dar a mestre Margalo 1 escudo diário cada um!

Edifícate! Digam que já não há exploradores de carne humana!

Excursões

Realiza-se hoje o passeio fluvial a São Julião da Barra, Trafaria e Vila Franca, promovido pela Concentração Musical 24 de Agosto.

"A BATALHA" no Funchal vende-se No Bureau de La Presse.

Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispensado por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, **A Batalha** carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o élite que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informações, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

A VENDA a 10.ª SÉRIE.

DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras páginas do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$30.

A obra mais barata que no gabinete se publica

Ainda a fossa da Vila Mendes

O desprezo a que um senhor vota a saúde pública

Ainda sobre o momento assunto da fossa da Vila Mendes, recebemos dos inquisitos daquela Vila a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade:

«Sr. director de «A Batalha»: — Sobre o caso da fossa da Vila Mendes, que tem sido motivo das reclamações por nós formuladas, quer na imprensa quer directamente ao sr. sub-delegado de saúde, publica o nosso comum senhor, sr. Joaquim Mendes Coimbra, no jornal local, «Gazeta de Coimbra», uma declaração em que são negadas a honestidade e a razão das nossas campanhas.

Por este facto, vimos perante v. reivindicar o direito de defesa, convencidos de que o seu jornal, órgão intemperado e defensor do bem-estar público e dos explorados, não recusará acolhimento às seguintes afirmações, que vimos contrapor às proposições do nosso senhor, contidas na sua declaração, que nós consideramos um acervo de falsidades:

1.º — O sr. Joaquim Mendes Coimbra, intimado pelas autoridades sanitárias a melhorar as condições higiênicas do prédio de que é seu senhor, depois de informado de que, por haver transgredido a intimidade das autoridades, lhe fôr instaurado um processo que acabava de dar entrada no Poder Judicial, resolveu-se, não a satisfazer as reclamações dos seus inquisitos, que queriam a fossa limpa e hermeticamente fechada, mas somente a mandar evasivar a fossa, o que se fez em condições verdadeiramente condenáveis por anti-higiénicas.

2.º — Sómente nos decidimos a chamar para este assunto a interferência do sr. sub-delegado de saúde e a orientar a campanha nos jornais — o que ele classifica de *vil procedimento* — quando chegámos ao convencimento absoluto de que o nosso senhor, juntamente voluntariamente, se resolveria a satisfazer as nossas aspirações no tocante à modificação da situação anti-higiénica, que nos criava a fossa onde desaguam os dejetos, a qual era, e continua sendo, no estado em que se encontra, um perigoso foco de infecção.

Para corroborar o que afirmamos, diremos aos leitores que, sempre que procurávamos o nosso senhor para o convidar a extinguir o referido foco de infecção, aquele senhor risava com risinho sardonicamente amarelo e proferia estas inviáveis frases: — *Vão cheirando, enquanto se não acaba! Quem não está bem, que se mude! Tomara eu que todos se fôssen embora!*

Estas palavras esclarecem-nos o motivo do motivo por que o nosso senhor manda abrir, a meio da parede da fossa, dois orifícios largos, por onde se escovam as fezes e se evolam pestilentes emanações.

3.º — É falso que aquele senhor não haja mandado proceder a obras no prazo marcado pelo sub-delegado de saúde, como alega, por lhe haver faltado o pessoal para aquele serviço contratado, como é igualmente falso que, por tal motivo, sómente se haja efectuado *dois dias depois*, como também alega, o evasivamento da fossa. Afirmamos que tal trabalho foi realizado, *não dois dias depois*, mas sete ou oito dias após o término do prazo fixado, a 23 de Agosto, e não por pessoal adrede convocado para tal fim, mas sim por serviços que permanentemente trabalham sob as suas ordens.

4.º — No dia 23 de Agosto, um dos dias do ano de maior trânsito na Estrada de Lisboa, em pleno dia e sob um sol ardente, com grave prejuízo de todos os moradores, num ar de vingança, o sr. Joaquim Mendes Coimbra ordenou o esgotamento da fossa, cujas fezes, em vez de removidas para longe e enterradas, foram despejadas para baixo, para os terrenos da Quinta das Lágrimas, onde ficaram à superfície putrefazendo-se com insuportáveis exalações, a poucos metros do prédio.

5.º — A fossa, ao contrário da afirmação mentirosa do nosso senhor, continua aberta, resumbrando líquidos viscosos e fedorentos que envenenam a atmosfera das nossas habitações... Isto podem comprovar, entre outras entidades, o *repórter* da «Gazeta de Coimbra», correspondentes de alguns diários, sr. sub-delegado de saúde e outros, que se retiraram, confessando-se indignadíssimos. A prova está em que o sr. sub-delegado de saúde na última vistoria que efectuou, intimou o senhor a mandar construir no prédio uma fossa do tipo da

maura.

Tudo isto, o público que ajufze.

Muito grato ao jornal que v. é director, pela dedicação com que tem tratado desta questão de salubridade pública, subcrevem-se os representantes das 13 famílias vítimas da avarice dum senhor.

Coimbra, 17 de Setembro de 1926.

(Seguem-se as assinaturas).

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO E TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de **A Batalha**

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação — Literatura — Tática — Evolução e Revolução — Violência — Liberdade / Autoridade — Ensayos e Filosofia — Teatro — Poesia — Documentos — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espanhola — Homens Representativos — Traços Polémicos — Letras — Fragmentos Inéditos.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração de **A Batalha**.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas da casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à Administração de **A Batalha**.

A obra mais barata que no gabinete se publica

LEDE NO NOSSO FOLHETIM

A Revolução Francesa

Uma obra admirável que todos devem ler

E' aquela o título do novo livro que **A Batalha** está publicando em folhetins da coleção "Mistérios do Povo", por Eugene Sue.

Trata-se do último livro daquela soberba coleção, o que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma popular prenhe de aspirações de justiça mais se evidencia e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, romântizar.

Os nossos leitores que não tenham acompanhado os livros anteriores podem, sem prejuízo da obra, iniciar a leitura, visto que cada volume trata duma época histórica e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se batava com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra admirável.

NA PENITENCIÁRIA

Como se explora com o trabalho dos reclusos

Recebemos de um recluso na Penitenciária de Lisboa a seguinte reclamação:

Existem nesta Cadeia algumas oficinas de mercenaria exploradas pela direcção, as quais, devido a muitas irregularidades cometidas pelos seus dirigentes e mandatários, todos leigos em matéria profissional, encontram-se quase no inoperário. Há dias, o director, pretendendo, talvez, desenvolver as oficinas, e querendo saber quais os lucros, manda construir uma mobília, em estilo inglês para experiência. Mandando comprar todos os materiais precisos, ordenou a dois reclusos que executassem o trabalho e que trabalhassem de empreitada, sob promessa de um ganho da mobília, que era composta das seguintes peças: guarda-fato, psyché, lavatório, cama, duas mesas de cabeceira e duas cadeiras. Pronta a mobília, e pagas todas as despesas, incluindo a jornada dos dois reclusos a \$70 por dia, deu de 70\$00.

Em vista do que o director tinha prometido, um dos reclusos foi reclamar junto do fiscal, não o ganho da mobília porque achavam muita fartura, mas sim apenas 100\$00 para cada um. Não o entendeu assim o sr. fiscal, que não só não o atendeu como ainda influiu junto do director para que não cumprisse a palavra que tinha dado, acabando por suspender o trabalho e por fazer encerrá-lo na ala. Isto vai contra o regulamento penitenciário que, num dos seus capítulos, diz que nenhum recluso poderá estar sem trabalho.

Indo o referido recluso reclamar junto do director, este respondeu-lhe que se fosse embora, caso contrário manda-lo ir para uma cela.

E é com estas medidas que se pretende roubando homens úteis à sociedade, explorando-os, roubando-os na alimentação que é exigüa e pessima, metendo-os, para mais rapidamente terminarem a existência nas celas subterrâneas durante 30 dias, sem ar nem luz. Para maior infâmia, colocaram mais umas chapas de ferro que ficam tapando alguma fenda por onde entra a luz.

Tudo isto e muito mais é motivado pelo orgulho do director na vontade própria. Deixa-se sugerir por alguns guardas que andam sempre a rodeá-lo, pedindo todo o rigor para os presos.

História Universal del Proletariado

«Vinte séculos de opressão capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvures da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1800; pelo correio, registado, 1\$00. Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º — La era de la esclavitud;
- 2.º — La rebelión de Espartaco;
- 3.º — Abolición de la esclavitud;
- 4.º — Abdicción y Servidumbres;
- 5.º — La revolución de los siervos;
- 6.º — La miseria de los agricultores;
- 7.º — Transformación del Poder Feudal;
- 8.º — El comunismo cristiano;
- 9.º — Los miserables en la Edad Media;
- 10.º — La libertad ilusoria;
- 11.º — La agonia del absolutismo;
- 12.º — El trabajo motor universal;
- 13.º — El imperio de la guillotina;
- 14.º — Las ideas sociales y la revolución francesa.

15.º — Los primeros tiempos del salarido;

16.º — Hospitales, cárceles y asilos;

17.º — Las cruezas de la burguesía republicana;

18.º — Los héroes de la Comuna;

19.º — Horribles matanzas de Comunistas;

20.º — La República Española y la clase obrera;

21.º — La Primera Internacional;

22.º — El socialismo ante el Parlamento español;

23.º — El futuro obrero profetizado por Castelar.

AGREMIACOES VARIAS

Sociedade Protectora dos Animais.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94575	
Madrid-cheque	299	
Paris, cheque	556	
Suica	278,5	
Bruxelas cheque	554	
New-York	19557	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque	71,5	
Brasil	3500	
Praga	558	
Suécia, cheque	594	
Austria, cheque	277	
Berlim,	4567	

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

ESPECTÁCULOS

Teatral - Às 21,15 - Ela fuzer-se amar louca...
Eldorado - Às 21,30 - A mosca de Milão.
Elen - Às 21 e às 21,45 - Cabaz de morangos.
Maria Vitoria - Às 21 e às 22,45 - Olarias.
Sotto Voce - Às 21,30 - Variedades.
Varietades - Às 21 e às 22,15 - O Pô de Arroz.
Cinema - L. Ficente (A Graciosa) - Espectáculos à 3,50.
2,50 sábados e domingos com entradas.
Início porque - Iões as noites. Concertos - di-
versos.

CINEMAS

Tivoli - Central - Condes - Chiado Terceiro - Ideal - Arco da Bandeira - Promotora - Esperança - Tor-
tois - Cine Paris.

ALPARGATAS



Sola de berracha,
cozidas interior-
mente - Marca
«IRROMPIVEL»

A venda nos bons
estabelecimentos

Fabricantes e vendas por grosso:
Raúl Ferreira
Rua Morais Soares, 56

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões - Dr. Armando Nar-
ciso - Às 5 horas.
Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilas - 11 horas.
Rins - Vias urinárias - Dr. Miguel Alaguiras - 10
horas.
Pele e Stitios - Dr. Correia Figueiredo - 11 e às
5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R. Loff-
er - 12 horas.
Doença dos olhos - Dr. Mário de Matos - 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mário Oliveira -
12 horas.
Estômago e intestinos - Dr. Mendes Bento - 3 horas.
Doenças das membranas - Dr. Enilio Paiva - 2 horas.
Doenças das crianças - Dr. Filipe Maus - 12 horas.
Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma - 3
horas.
Bocas dentes - Dr. Armando Lima - 10 horas.
Câncer e radio - Dr. Cabral de Melo - 10 horas.
Raio X - Dr. Aleu Salazar - 4 horas.
Análises - Dr. Gabriel Bento - 4 horas.

Suplemento semanal ilustrado
de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: I volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

LIMAS NACIONAIS



Só a grande falta de propaganda tem
dado lugar a que
ainda hoje se en-
contram na Portugal
lidas estrange-
gues, visto que
as lidas marcas

MARCAS REGISTADAS TOURADA DA
dito Tomé Teixeira, hím., tornaram em pre-
e qualitativo com as melhores lidas do Mundo.
Experimentam, pois, as nossas lidas que se
encontram à venda em todos os bons estabeleci-
mentos de ferragens do país.

Chapelaria A SOCIR

Cooperativa dos Operários Chapeleiros
Grande sortimento em chapéus, lises e mes-
clas em cores lindíssimas, formatos
dos mais alinhavados e extravagantes

GRANDE NOVIDADE

Especializada
em chapéus
de seda

FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito
elegante, só na SOCIAL

Cooperativa, A SOCIAL
Armarizem e escritório: Rua Fer-
nandes da Fonseca, 25, 1º

ESTABELECIMENTOS -
Séde: - 31, Rua Fernandes da Fon-
seca, 33

1.ª Sucursal: - Rua dos Poais de
S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: - Rua do Corpo San-
to, 29

3.ª Sucursal: - Rua do Arco Mar-
quês de Alegrete, 56-52

FÁBRICA DE BONETS - Chapéus modelo
jáurea (Exclusivo)

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos personalizados - 3000
Sapatos de vela - 3000
Bonés pretos (grande saldo) - 3000
Sapatos brancos (grande saldo) - 3000
Grande saldo de botas pretas - 3000
Estojo cedo para homem - 3000

Não convidar a SOCIAL OPERARIA co-
mo casa.

Ver bem, pois só lá encontra bona parte,
a Social Operaria e para os Cavalheiros
18-20, com fuias na mesmaria, n.º 4.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao
presidente do ministério contra as dépara-
ções.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; regis-
trado 1\$50. Pedidos à administração de A
Batalha.

Leiam o Suplemento de A Batalha

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo,
por Campos Lima, 380.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por
Mário Domingues, 650.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais
indígenas), por Manuel Kopke, 650.

A' venda nas livrarias e na administração
de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença»,
rua dos Poais de S. Bento, n.º 27 - Lisboa.

Educação Social

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
publicado mensal

Redacção e administração - Empresa Liter-
ária Fluminense, Limit. - R. dos Re-
trozeiros, 125 - LISBOA.

A' venda na administração de A
Batalha.

Sim! devo-lhe a minha liberdade, Frantz. Além
disso, o senhor deu-me provas de afecto...

O interesse que por si mostrei não teve como
causa única o seu infortúnio, embora ele muito me
comovesse.

Então quais são as outras causas, Frantz...?

Fale, que estou pronta a ouvi-lo.

O príncipe conservou-se um momento silencioso, e
depois perguntou:

- Sabe quem sou, Vitória?

A jovem olhou para ele com surpresa, e res-
pondeu:

- Não me disse já que era estudante numa uni-
versidade da Alemanha, sua terra natal?

- Enganei-a nisso, Vitória... não sou estudante.

- Enganou-me?... o senhor que eu julgava tão
leal?...

Já lhe vou explicar porque motivo me vi obrigado
a ocultar-lhe a verdade... mas deixe-me primeiramente expli-

grande beleza; estatura esbelta e elevada; um fino
buço no lábio superior, harmonizando-se tudo com o
seu traje masculino; mas a beleza desta mulher tinha
um aspecto sinistro; a sua palidez marmorea, o fulgor
dos seus olhos negros, a contracção das sobrancelhas;
o sorriso amargo e às vezes cruel, que lhe contraia os
lábios, tudo parecia testemunhar os vestígios das paixões
ou dum incurável desgosto. Cortezã soberba ou
Madalena arrependida.

Assim que Frantz de Gerolstein e a sua compa-
nhiera entraram no quarto, o príncipe conservou-se
um momento silencioso, e depois disse com voz grave
e quase solene:

Há três meses, Vitória, indo eu visitar o con-
vento das Arrependidas, impressionou-me a sua beleza,
e a profunda tristeza de que parecia possuidra... infor-
mei-me das causas que a tinham feito condonar à
reclusão... Quando conheci essas causas senti-me
profundamente comovido... Daí de tanto o interesse
que tomei por si... Graças à intervenção dum amigo
poderoso, obtive a sua liberdade...

- Sim! devo-lhe a minha liberdade, Frantz. Além
disso, o senhor deu-me provas de afecto...

O interesse que por si mostrei não teve como
causa única o seu infortúnio, embora ele muito me
comovesse.

Então quais são as outras causas, Frantz...?

Fale, que estou pronta a ouvi-lo.

O príncipe conservou-se um momento silencioso, e
depois perguntou:

- Sabe quem sou, Vitória?

A jovem olhou para ele com surpresa, e res-
pondeu:

- Não me disse já que era estudante numa uni-
versidade da Alemanha, sua terra natal?

- Enganei-a nisso, Vitória... não sou estudante.

- Enganou-me?... o senhor que eu julgava tão
leal?...

Já lhe vou explicar porque motivo me vi obrigado
a ocultar-lhe a verdade... mas deixe-me primeiramente expli-

car-lhe a natureza do sentimento que me inspira... Já
não posso adiar para mais tarde essa confidência...
Escute-me pois... Vitória...

Ela estremeceu, interrompeu o príncipe, e disse-lhe
em tom de extrema amargura:

- Se me não engano, creio adivinhar o que me vai
dizer, Frantz. Antes que continui, e para lhe evitar
uma recusa que o poderia magoar, devo dizer-lhe que
nenhuma mudança se operou em mim desde que o
conheço... Devo repetir-lhe o que lhe disse por oca-
sião da nossa primeira entrevista: - «O meu coração
morreu para o amor... só o domina a paixão da
vingança!!! Nada lhe ocultei do passado...»

- Sim, bem sei quanto tem sofrido... Vitória...

Se o seu coração morreu, o meu já me não perten-
ce... deixei-o na Alemanha, a uma donzelha, que é
um anjo de candura, de virtude e de beleza. Ela é
pobre e de nascimento obscuro, mas eu jurei a Deus
que ela havia de ser minha mulher!!! Heide ser fiel
ao meu amor e ao meu juramento.

- Obrigada, Frantz! respondeu Vitória, soltando
um suspiro de alívio. Obrigada pela sua franqueza,
que me livra dum afronta apreensão. Amo-o com a
ternura dum irmão... ou antes dum amigo... porque
já não sou mulher, e ter-me-ia sido cruel inspirar-lhe
um sentimento a que não podia corresponder. Qual
é, pois, a natureza do seu afecto por mim?

Sinto por si a compaixão que inspiram as desditas
da sua infância e da sua mocidade... profunda estima
pela sua virtude, que resistiu a tantas causas de avil-
tamento... e finalmente, laços indissolubles nos unem
desde remotas eras... os laços de família...

Vitória olhou estupefacta para o príncipe, que
proseguiu:

- Gira-nos o mesmo sangue nas veias, Vitória...
somos parentes... as nossas famílias tiveram a mes-
ma origem e o mesmo berço. Já leu as legendas que,
de idade em idade, seus avós têm legado uns aos ou-
tros... há mais de dezoito séculos?

- Li-as durante os dois anos que passei com minha

mãe e meu irmão... depois dos acontecimentos que
já lhe narrei... A leitura dos nossos anais, junta aos
motivos de ódio já acumulados na minha alma, e ao
desaparecimento de meu pai, que então teria morrido
ou jazeria em algum cárcere da Bastilha, desenvolveu
e excitou ainda mais esta sede de vingança, ou antes
de represálias, que de mim se apoderou... Quero
saciar-me dessa vingança, ainda que custe a vida...
Por isso consenti nesta iniciativa... cuja hora chegou
finalmente... A vingança é justiça e eu quero a im-
placável.

- Vitória! é chegado o momento de lhe revelar
que laços nos unem um ao outro... Nos seus anais
figura um nome principesco, o de Karl de Gerolstein.
Este príncipe era descendente de Gaélo, o pirata, que,
no século IX, acompanhava, no círculo de Paris, o ve-
lho Rolf, chefe dos piratas normandos... Um dos
descendentes de Gaélo, deixando a Noruega, foi esta-
belecer-se no século X, numa das tribus independentes
da Germânia. Pela sua coragem e gênio militar,
ele foi eleito chefe da tribo; seu filho que lhe não
ficava atrás em bravura e inteligência, sucedeu-lhe no
comando. O poder ficou desde então hereditário na
família. Mais tarde, a tribo de Gerolstein tornou-se um
principado da confederação germânica. Foi assim
que os descendentes do Gaélo vieram a ser
a família reinante de

A BATALHA

Devem os militantes operários, inspirados num grande espírito de tolerância, esforçar-se por realizar a unidade sindical

Deus em perigo!

Fecisti tibi prostibuum in cunctis plateis...
Et divisisti pedes... EZEQUIEL, XVI-24

Deus não está seguro, afirmou eu. Para as almas piedosas que, pelo facto de rezarem o terço, irem à missa e comprarem a bula da cruzada, julgam o seu Deus perfeitamente seguro, estas palavras soarão como um grito blasfemo.

Outro tanto não pensará, porém, Vossa Eminência. E porque não pensa e não discorre como essas? Porque tem da vida e da fé aquela certa e segura noção que só os anos e a experiência trazem.

Quantas vezes, com efeito, não terá V. Eminência dito nas suas admoestações ao clero, transviado pelas doutrinas deste século de progresso enganoso, que se elas não mudarem de rumo e de conduta, a barca de Pedro vai ao fundo?

Se eu próprio o tenho lido nas pastorais diocesanas! Se o Boletim Paroquial o vê dizendo, há não sei quantos anos, e cada vez com mais alucinantes gritos de socorro!

E tem razão! Deus não está seguro.

Porque não é o Rev. Pinheiro, na paróquia de Alcântara, que o segura. Não!

Esse,useiro e vezeiro em criar, para Deus, situações difíceis, como a de 1910, em que o compreendeu e o perdeu (!), torna agora a pôr em risco Aquele que V. Eminência, há tempo, para lá lhe mandou.

Já começaram as novenas; já voltaram as senhoras condecoradas, carregadas de trouxas.

As siringaitas do bairro andam já, novamente, a gorar os paninhos e a vestir as imagens; as coristas começam organizando festas, a grande instrumental, e — sintoma aterrador! — as donas de casa já não põem o almoço na mesa sem que os maridos percam a paciência, estrugindo tudo com berros e ameaças que não se dirigem apenas aos ouvidos e partes vulneráveis de suas desatentas metades; êsses gritos e ameaças são também para que os ouça o citado Reverendo. Vão igualmente para Deus.

E não estándo ele seguro em Alcântara, bairro populoso, trabalhador e bem politizado, onde é que o estará?

Na paróquia de Santa Isabel, com o Padre Farinha? V. Eminência sabe muito bem que não. Porque não é ele, também, com os seus conciliábulos e novenas quem osegurará. Pelo contrário: quanto mais prega mais despreza. E de tal modo que, procurando equilibrar a barca do Senhor, outra coisa não tem feito senão entortá-la e despenhá-la no abismo.

Infeliz missionário que tanto mais martela no pecado quanto mais o pecado medra e sobe pelas almas. E subindo o pecado, claro está, sobe o risco de Deus!..

Que é de lá o desconhece. Lá por ser baixo, nem porrisso deixa de ver, por cima... Entretanto, o que faz ésses Farinhias para debelar perigo? Ordena preces públicas? Preceitua o jejum e a castidade? Aplica o cílico e a excomunhão? Não, venerável cardeal. Vendo Deus em perigo, convida... as senhoras vizinhas.

Como, porém, estas lhe não garantiam ainda a firmeza do altar, ei-lo batendo a outras portas. Por isso nós vemos hoje, rondando o templo, não a polícia de pistolas e carabinas aperradas, mas — horribile dictu! — as alunas do Conservatório, das Escolas Normais e do Liceu Maria Pia, bem como grande número de coristas que, à noite, nos teatros, fazem com que muitas almas cándidas e boas sejam feridas pelo aguilhão do pecado!

A essas moças, com efeito, parece estar agora confiado o ensino da doutrina cristã, a ornamentação dos altares, a distribuição da água benta e a guarda das sagradas imágens!

E aqui nova pregunta sobre os lábios: concorda Vossa Eminência com semelhantes cultuais? Confia-lhes o Templo, a Ecclastaria, o Corpo do Senhor, o Anjo da Guarda, qualquer dos anjos, enfim, que a igreja tem para nos guiar ao céu?

Ah! sr. D. António: é porque as não conhecem. Mais tementes a Deus, mais instruídas no catolicismo e menos recalcas na malícia eram as mulheres da Idade Média e a igreja não lhes confiava nada, quanto mais o Deus vivo!

Esse, nem mesmo às freiras dos conventos, como Vossa Eminência pode ver na sessão XXV, cap. X, do Concílio de Trento: *Santissimus Christi Corpus intra chorum vel sedia monasterii, prohibet sancta Symnodus.*

E, veja, estas eram esposas do Senhor. Torturavam a carne com jejuns que duravam às vezes meio ano, sem um dia de gorro, e com cilícios de ferro dentado, em malha tão compacta e tão flageladora, que ia do tornozelo até à nuca!

Ora se a Igreja não confiava então a guarda do Senhor à castidade dessas sestas, que jejuavam sempre, que confessavam tudo, comungando todas as madrugadas e não deixando nunca de chorar pelas almas dos mortos; se a Igreja desse tempo, só o confiava aos sacerdotes de irrepreensível conduta, espiritual e carnal, como há-de Vossa Eminência confiá-lo ao Farinha, às catequistas e rabecistas dos já citados estabelecimentos de ensino oficial?

Elas, que nunca cingiram os rins com um cilício, ainda o mais intensivo, o que toda a gente usa, ou de arame farrapado com uma simples ida e uma volta igualmente intenso-siva e simples! Elas, que nunca arranharam a cara com pentes de ferro em brasa, para se tornarem ristes e disformes aos olhares do pecado, embora alegres e formosas à vista do Supremo Senhor!

Pobre bom Deus, em que mãos foi cair! Dirá Vossa Eminência: «Resta-me o D. João de Mitiene, com as suas gazetas e homilias».

Como os grandes da terra facilmente se iludem!

Quem lhe disse, Cardeal, que esse moço levita anda no melhor campo, lançando à terra o melhor grão?

Leia a Vida Católica e o Boletim Mensal, depois diga-me se é assim, entre-as-mulheres, muitas delas com automóvel e chauffeur, que Deus anda seguro...

Profanasti sanctuarium, dir-lhe-ia o Salmista, se cás pudesse voltar e o visse no templo, cercado pelas catequistas, pelas irmãs das catequistas, pelas primas das catequistas, pelas vizinhas das catequistas.

De manhã dia a missa. Quem lhe assiste é quem?

(i) Alusão à igreja de Alcântara, cujas imagens se desapareceram ou foram profanadas.

Tomas da FONSECA

CASA Empregado comercial precisa de quarto mobiliado ou parte de casa, em casa de camarada, entre Belém e Alcântara. Carta a este jornal.

Rendimentos dos operários

Trabalhador colhido por uma vagoneta

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e recolhido a casa Adriano Marques, de 21 anos, natural de Lisboa, trabalhador, residente em Telheiras de Cima, 55, que na fábrica cerâmica, em Telheiras, foi colhido por uma vagoneta, ficando ferido na mão direita.

Padeiro apanhado por uma engrenagem

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo José Oliveira Novo, de 21 anos, natural de Aveiro, padeiro, morador na rua de Santa Bárbara, 73, loja, e que na fábrica Nacional de Alimentação, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando ferido na mão direita.

Outro operário colhido por uma vagoneta

Também recebeu curativo no Banco do Hospital de São José, José de Oliveira, de 31 anos, servente na Fábrica das Conchas, residente na rua de Marvila, pátio 6, e que, na mesma fábrica foi colhido por uma vagoneta, ficando contuso pelo corpo.

Carpinteiro naval caído ao rio

No pôsto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo Júlio Luis, de 18 anos, natural e residente na Mutela (Almada), carpinteiro naval, que caiu de uma prancha na doca de Alcântara, ficando contuso pelo torax. Recolheu à enfermaria de Santo Alberto do hospital de São José.

Marítimo que cai ao rio

No pôsto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado Joaquim Pedro, de 54 anos, natural e residente em Cezimbra, marítimo, que, a bordo de uma fragata atracada próximo de Belém, caiu de uma prancha, ficando ferido na cabeça.

CRISE DE TRABALHO

Compositores Tipográficos

A comissão que trata da situação dos tipógrafos desempregados reúne-se hoje,

pelas 14 horas, para apreciar alguns trabalhos e tomar nota do numero certo dos seus trabalhos.

Por tal motivo, mais uma vez lembra a conveniência de se inscreverem todos aqueles que se encontram nesta situação.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Orania» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência às 8 horas.

LUTA DE CLASSES

Os Empregados no Comércio de Coimbra transigem com os patrões à cerca do horário de trabalho

Em vista das autoridades locais estarem na disposição de modificar o regulamento do horário de trabalho dos empregados no comércio, tem andado a numerosa classe dos caixeiros justamente alarmada, com o receio de que lhes seja cercada aquela regalia.

Para se tratar deste momentoso assunto, a direcção do Ateneu Comercial (Associação dos Empregados no Comércio) convocou a classe para uma sessão magna, que teve lugar no dia 16, pelas 22 horas, com regular concorrência.

A sessão foi presidida por Abilio Augusto dos Santos, secretariado por Arminio Ferreira e José Andrade.

Pelo presidente da direcção é apresentada à assembleia uma proposta que lhe é justificativa, na qual propõe que a classe autorize a direcção a negociar com a Associação Comercial e autoridade local um entendimento, que consiste em os empregados no comércio transigirem em trabalhar no verão mais uma hora, isto é, sairem às 20 horas, em troca do compromisso tomado pela Associação Comercial e pelas autoridades de que o encerramento dos estabelecimentos será feito rigorosamente às 19 horas no inverno e às 20 no verão.

O presidente argumenta, em defesa desta proposta, que assim se conseguirá pôr em prática uma medida que até hoje ainda não conseguiu ser realizada, não obstante haver uma lei que regulamenta o horário de trabalho — o encerramento obrigatório dos estabelecimentos comerciais.

Até hoje, diz, nunca se conseguiu do comerciante o encerramento geral das casas de comércio, o que tem dado como resultado de só uma pequena minoria de caixeiros beneficiar do horário, pois que a grande parte via-se obrigada a permanecer nos estabelecimentos a bela prazer dos patrões.

De modo similar, diz, é que a direcção do horário de trabalho, estabelecido por um grande preconizador da dia de 8 horas, era dada como imprudente, pois que os juízes declaravam inconstitucional o encerramento obrigatório.

E' sua opinião que uma vez negociado um acordo com a Associação Comercial e autoridade, embora a classe perca a regalia duma hora durante os 5 meses considerados de horário de verão; tem, em compensação dessa transigência, o compromisso da parte do patronato e da autoridade do encerramento obrigatório e a plena certeza de que todos os colegas gozarão dos benefícios do horário.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu, provocando os sentidos, convidando ao pecado.

Pregou agora. Foi para isso que Jesus se fez homem e agonizou na cruz entre ladrões? que a Igreja se fundiu e combateu e padeceu, ao semear na Terra a divina palavra do Senhor? que se ergueram os templos e Deus desceu a eles sob as espécies de vinho e do pão, no agosto mistério da sua morte?

Levam aquela mesma saia, que só chega ao joelho, aquelas mesmas botas que sobem perna fora, entre a nuvem dos folhos e das rendas, e, acenando ao desejo, aquela meia fina e transparente, que te-la o mesmo que não a teria: se vê a ólho nu